

Brasil METAL



INTERNACIONAL

Ano X Nº 386
30 de Setembro de 2010
Índice

Metalúrgico mostra o caminho	01
Organizações respaldam governo de Rafael Correa	03
Europa vive dia de protestos e paralisações	04
Espanha: "Vamos ganhar a greve geral!"	05
Ato em defesa da democracia	06
Seminário Internacional sobre Multilatinas	07

Metalúrgico mostra o caminho

Metalúrgicos das montadoras conquistam reajuste salarial inédito. Isso eleva o poder de compra do trabalhador, mas aumenta a pressão de custos nas empresas

A data 19 de setembro não representa nenhum feriado no calendário nacional, mas na última semana entrou para a história como o Dia D para o sindicalismo brasileiro – e, ao que tudo indica, simbolizará também a estreia de uma nova relação entre patrões e empregados nas mesas de negociação.



No embalo de um vigoroso ciclo econômico para o País (em que o desemprego de 6,7% e a renda média próxima de R\$ 1.350, medidos pelo IBGE, são recordes), os metalúrgicos das montadoras paulistas conquistaram um reajuste de 10,81%, índice que seria impensável poucos anos atrás e que injetará R\$ 890 milhões na economia. Descontada a inflação, trata-se de um aumento real de 6,25%, acima das expectativas dos próprios sindicalistas. “Extraordinário! Um tremendo aumento”, festejou o **presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre**.

Embora o centro da conquista tenha sido o ABC paulista, principal polo automobilístico do Brasil com mais de 45 mil trabalhadores e responsável por quase 70% de todos os veículos fabricados no País, a euforia do reajuste inédito se propagou com rapidez pela economia – e já influencia nas negociações salariais de outras categorias.

Como acontece há mais de 30 anos, os reajustes salariais dos metalúrgicos servem como referência para as demais categorias. O Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, que representa 450 mil empregados, a maior base da América Latina, deverá engrossar a voz nas próximas rodadas de negociação.

Os sindicatos patronais, no entanto, propõem 7,2%. “Nenhum segmento do varejo registrou neste ano faturamento menor do que 10% acima da inflação. Com essa proposta, chegamos a um impasse”, completou.

O embate tem uma única razão. Embora os reajustes salariais sejam motivo de festa para os trabalhadores – só os metalúrgicos ganharão quase R\$ 900 milhões em poder de compra –, criam uma pressão de custos nas empresas e, em um cenário de economia aquecida, indicam que as próximas negociações estarão mais favoráveis ao trabalho do que ao capital. “Salário é componente de custo e o custo é sempre repassado aos preços. Ou seja, todos pagarão a conta”, disse Renato Piovesani Netto, economista do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. >>>

>>> O trabalhador tem a força

O embate tem uma única razão. Embora os reajustes salariais sejam motivo de festa para os trabalhadores – só os metalúrgicos ganharão quase R\$ 900 milhões em poder de compra –, criam uma pressão de custos nas empresas e, em um cenário de economia aquecida, indicam que as próximas negociações estarão mais favoráveis ao trabalho do que ao capital. “Salário é componente de custo e o custo é sempre repassado aos preços. Ou seja, todos pagarão a conta”, disse Renato Piovesani Netto, economista do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Os bancários são um exemplo disso. A categoria deverá entrar em greve no dia 29 depois que os bancos ofereceram apenas repasse de 4,29% referentes à inflação pelo IPCA – o sindicato exige 11%, índice semelhante ao dos metalúrgicos. “Poucos segmentos da economia tiveram resultado tão expressivo quanto o setor bancário. Se a venda de carros é recorde, é porque o volume de financiamento também é”, rebateu o **presidente da CUT, Artur Henrique**.

Nos últimos seis anos, sem exceção, os bancários realizaram paralisações em todo o País para conquistar aumento real de 13,19%. Mais do que eventuais reajustes nos salários dos trabalhadores, o novo status de poder nas mãos dos trabalhadores indica uma significativa mudança no patamar de reajustes e benefícios daqui em diante.

Segundo o economista **José Silvestre de Oliveira, coordenador de relações sindicais do Dieese**, a onda de aumentos acima da inflação e o aprimoramento de benefícios, como bonificações e participação nos lucros, irão contaminar positivamente toda a economia. “A partir de agora, categorias que antes conquistavam entre 1% e 2% acima da inflação passarão a exigir 4% a 6%”, garantiu. Os aumentos não serão pontuais. Um levantamento do Dieese mostra que 97% das 290 categorias que têm data-base no primeiro semestre conquistaram aumentos acima da inflação. Em 2009, o índice foi de 83%.

Fora do campo das estatísticas, o fim de ano sindical deve ser atipicamente movimentado. Com a histórica conquista do índice de quase 11% dos metalúrgicos, categorias importantes, como petroleiros, químicos, calçadistas, têxteis, gráficos, entre muitas outras, sinalizam que irão endurecer nas negociações. Afinal, elas não querem perder a oportunidade rara de ditar o ritmo da festa econômica. *(Hugo Cilo, Isto é Dinheiro, 24.09.2010)*

Como os metalúrgicos influenciam outras categorias

Metalúrgicos

- 45 mil trabalhadores no ABC paulista, principal polo automobilístico do País
- Salário médio: R\$ 5 mil
- Conquistaram reajuste de 10,81%, mais abono de R\$ 2,2 mil, o que representa acréscimo de 14,5% nos salários
- Ganho real de 6,26% (acima da inflação)

Petroleiros

- 75 mil trabalhadores
- Salário médio: 5,8 mil
- A categoria reivindicou 15,16% (5,16% do ICV/Dieese, mais 10% de aumento real). A Petrobras apresentou contra-proposta de 3,7% a 4,8% de ganho real, de acordo com a faixa salarial, além dos 4,49% do IPCA, mais um abono de 80% do salário. A proposta está em votação pela categoria

Químicos

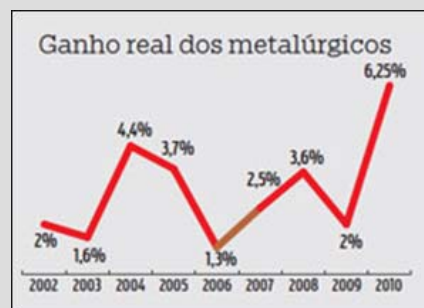
- 40 mil trabalhadores no Estado
- Salário médio: R\$ 1.920
- Reivindicam 10,5%. Não receberam contraproposta.

Bancários

- 460 mil no Brasil, 130 mil na Grande São Paulo
- Salário médio: R\$ 4.132
- Reivindicam reajuste de 11%, mas a Fenaban oferece apenas 4,29% de reposição da inflação. A categoria ameaça entrar em greve a partir do dia 29

Comerciários

- 450 mil trabalhadores
- Salário médio R\$ 1.400 (em SP)
- Pedem 9,5%, mas receberam proposta de 7,2%.
- Um aumento médio de R\$ 130 (9,5%) representaria R\$ 585 milhões a mais na economia



Organizações respaldam governo de Rafael Correa

Aeroportos fechados, prédios ocupados por policiais militares, marchas nas ruas. O cenário hoje em Quito, Equador, chamou a atenção de toda a comunidade internacional para o que poderia acenar para um novo Golpe de Estado na América Latina. Governos como o de Hugo Chávez, da Venezuela, declararam que a manifestação policial iniciada hoje, teria, sim, por trás, a intenção de ferir a democracia da nação equatoriana.



Vídeo:Presidente do Equador desafia oposição a matá-lo

O protesto começou hoje (30), quando um grupo de policiais - contrário a negação de Correa ao veto da Lei de Serviço Público - tomou à força o regimento número 1 de Quito.

O presidente equatoriano, quem esteve no local para tentar estabelecer um diálogo com os manifestantes, encontrava-se no Hospital da Polícia Nacional, na capital do país, recuperando-se das agressões promovidas pelos policiais, os quais lançaram gases lacrimodêneos.

Para Correa, essas ações são parte de uma tentativa de golpe de Estado que estava sendo preparada há meses pela oposição. Mesmo com os ataques, o mandatário anunciou em Rádio Pública que continuará com suas posições. "Eu não vou retroceder, se querem, venham me buscar aqui, deem-me um tiro e que siga adiante a República, matarão a mim, como dizia Neruda, poderão cortar as flores, mas não impedir a chegada da primavera", afirmou.

As ações protagonizadas hoje pelos policiais não ficaram sem respostas. Logo após a tomada à força do regimento número 1 em Quito, organizações sociais equatorianas, assim como organismos internacionais e autoridades latino-americanas, declararam apoio ao mandatário e demonstraram preocupação com a democracia do país.

Sob o lema "defendemos a democracia e apoiamos a gestão do Presidente da República Rafael Correa", milhares de equatorianos e equatorianas foram na manhã de hoje à Praça da Independência apoiar o chefe de Estado. Além de Quito, movimentos e organizações sociais das províncias de Loja, Pichincha, Imbabura, Pastaza e Chimborazo estão promovendo ações em apoio ao presidente e denunciando a tentativa de golpe de Estado.

A comunidade internacional também está preocupada com a situação do país. A Organização dos Estados Americanos (OEA), por exemplo, convocou para a tarde de hoje uma reunião extraordinária do Conselho Permanente para discutir o caso do país sul-americano. Já a União das Nações Sul-Americanas (Unasul) declarou estar ao lado de Correa, e convocou uma reunião de urgência para a noite de hoje em Buenos Aires.

Em comunicado, Néstor Kirchner, secretário-geral do organismo, destacou que os países sul-americanos não podem "tolerar, sob nenhum aspecto, que os governos eleitos democraticamente se vejam pressionados e ameaçados por setores que não querem perder privilégios".

Ademais, afirmou "firme compromisso e a mais absoluta solidariedade" ao mandatário do Equador "frente à tentativa de sublevação de setores corporativos das forças de segurança daquele país à ordem constitucional".

Do mesmo modo, o governo da Argentina respaldou o governo de Correa e demonstrou preocupação com o ato promovido por policiais equatorianos no dia de hoje. "A Chancelaria argentina expressa sua profunda preocupação pelos fatos protagonizados hoje (quinta-feira) pelo pessoal policial e militar das forças armadas equatorianas nas cidades de Guayaquil e Quito", ressalta. *Com informações de Telesur e Imprensa Oficial do Equador (Karol Assunção)(Adital, 30.09.2010)*

Europa vive dia de protestos e paralisações



Dia Europeu de Luta

Os sindicatos europeus convocaram a “euro manifestação” para protestar contra as medidas de austeridade aplicadas pela União Europeia (UE).

A data foi batizada pela **Confederação Europeia de Sindicatos (CES)** de “Dia Europeu de Luta”, no qual foram organizados protestos sindicais “desde a Sérvia até a Espanha”, segundo disse o secretário-geral do órgão, John Monks.

Veja o discurso de Monks em Bruxelas

O **secretário-geral da CES** disse ainda que a reforma trabalhista e a do sistema de previdência planejada pelo Governo espanhol são “as piores medidas de austeridade de toda a UE depois das da Grécia”.

Prioridade ao emprego e ao crescimento”, os sindicatos europeus estimam a presença de 100 mil pessoas nas ruas de Bruxelas, capital da Bélgica e sede da UE.

Monks qualificou de “loucura” os planos da Comissão Europeia (CE) de criar regras econômicas comuns ao bloco e impor sanções aos países que descumprirem suas diretrizes, já que “apenas Suécia e Estônia se livrariam de multas”.

Greve geral - A Espanha foi sacudida ontem pela primeira greve geral contra o governo de José Luis Rodríguez Zapatero. O protesto é a resposta dos sindicatos ao pacote de reformas trabalhistas, aprovado pelo governo socialista recém passado.

Além da Espanha, trabalhadores de outros países também protestaram ontem contra medidas tomadas pelos governos para combater a crise econômica. Foram registradas manifestações nas capitais da Bélgica, Portugal, Itália, Letônia, Lituânia, República Checa, Chipre, Sérvia, Romênia, Polônia, Irlanda e França.

As ações dos piquetes concentraram-se na entrada dos mercados de abastecimento de Madri e Barcelona, gerando alguns incidentes. Pelo menos 15 pessoas ficaram feridas em diversos pontos do país e algumas centenas foram detidas.

Confrontos - Os protestos começaram início à tarde, com manifestações em Madri e dezenas de cidades. Grupos de jovens queimaram um carro da Guarda Urbana e confrontaram a polícia de Barcelona que desalojou manifestantes de uma agência bancária ocupada há 48 horas.

As ações dos piquetes concentraram-se na entrada dos mercados de abastecimento de Madri e Barcelona, gerando alguns incidentes. Pelo menos 15

pessoas ficaram feridas em diversos pontos do país e algumas centenas foram detidas.

Direitos - Zapatero declarou ontem ante o Congresso dos Deputados que “o governo trabalha para garantir o direito à greve e o direito ao trabalho”. Recordou ainda aos sindicatos a “obrigação de contribuir para o diálogo” sobre a reforma trabalhista.

O governo aprovou recentemente um plano de austeridade para reduzir o déficit público. Na Espanha, a avaliação é que a paralisação chegou a ter adesão superior a 70%, segundo central sindical União Geral dos Trabalhadores (UGT).

“A paralisação é praticamente total desde nos setores de indústria e serviços, siderurgia, infraestruturas, coleta de lixo e serviços de limpeza urbana”, completou Antonio del Campo, secretário das Comissões Operárias (CCOO), a outra grande central do país.

“O consumo de energia registrou queda como a do nível de um feriado, o que confirma o êxito da greve geral”, disse. O governo afirmou que nas primeiras horas da greve os serviços mínimos foram respeitados. *(Reuters e AFP) (Brasil Econômico, 30.09.2010)*

Espanha: "Vamos ganhar a greve geral!"

"A única batalha que se perde é a que não se trava! Vamos ganhar a greve geral!", dizem os sindicalistas, que exigem que o governo altere as reformas laborais.

Concentração na Porta do Sol marcou o arranque da greve geral.

A Espanha realizou no dia 29 último a primeira greve geral dos últimos oito anos, a "mais necessária" de todas as convocadas até agora, como afirmam as duas principais centrais sindicais, a **UGT** e as **Comisiones Obreras (CCOO)**.

Os sindicalistas exigem mudanças nas reformas laborais do governo de Rodríguez Zapatero que retiram direitos aos trabalhadores, prejudica funcionários e pensionistas e aumenta a idade da reforma dos 65 para os 67 anos.



"A única batalha que se perde é a que não se trava! Vamos ganhar a greve geral!", exclamou o **secretário-geral das CCOO, Ignacio Fernández Toxo**, diante de milhares de pessoas reunidas na Porta del Sol em Madrid, na noite desta terça-feira. Dali partiram depois muitos dos piquetes de greve que actuaram de madrugada.

O governo manifestou "profundo respeito pela greve, mas disse que as reformas têm por objectivo defender o estado de bem-estar social.

Os serviços mínimos nos transportes de âmbito nacional foram pela primeira vez negociados, e 20% dos comboios de alta- velocidade e dos voos domésticos serão garantidos. A negociação dos serviços mínimos nas autonomias foi desigual, e em alguns casos, como em Madrid, ficou-se pelo impasse. Toxo, das CCOO, acusou alguns governos autonómicos de impor serviços mínimos fora das margens da lei. (*Esquerda, 29.09.2010*)

Portugal junta-se à jornada de luta em Bruxelas

Portugal juntou-se nesta quarta-feira à jornada de luta organizada pela **Confederação Europeia de Sindicatos (CES)**. A **CGTP** marcou concentrações em Lisboa e no Porto à mesma hora da manifestação em Bruxelas.

A CGTP junta-se à jornada de luta europeia com duas concentrações em Lisboa e no Porto que tiveram a participação de "dezenas de milhares" de trabalhadores.

Em declarações à Lusa, o **secretário-geral da central sindical Carvalho da Silva** explicou que é esperada uma "forte adesão" por parte dos trabalhadores.

A concentração dos manifestantes do Sul do país teve lugar no Marquês de Pombal, enquanto os do Centro e do Norte se concentraram no Porto, na Praça dos Leões e Batalha.

O protesto decorre em simultâneo com a jornada da CES que irá reunir em Bruxelas delegações de todos os países com o lema "Não à Austeridade".

Para além de Portugal, também Letónia, Lituânia, República Checa, Chipre, Sérvia, Roménia, Polónia e Irlanda vão organizar acções de luta próprias nos respectivos países.

Em declarações ao Jornal de Negócios, a porta-voz da Confederação Europeia de Sindicatos Patricia Grillo garantiu a forte adesão ao protesto em Bruxelas contra as medidas de austeridade, reunindo pessoas de mais de 50 estruturas sindicais.

Em Bruxelas, Mário David Soares, o único dirigente da CGTP presente na manifestação, afirmou que "foi uma das maiores manifestações a que assisti a nível europeu". A UGT também marca presença na manifestação de Bruxelas com cerca de 100 pessoas.

Ato em defesa da democracia e contra o golpismo

Sede do Sindicato dos Jornalistas de SP ficou lotada

A sede do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo ficou lotada até nos corredores ontem (23/09) à noite no ato chamado pela CUT e pelo Centro Barão de Itararé contra o golpe midiático.

Cerca de 500 pessoas literalmente aglomeraram-se nas dependências da entidade. Participaram do evento as centrais sindicais CUT, CTB, CGTB, Força Sindical e Nova Central, a UNE (União Nacional de Estudantes), a Altercom (Associação Brasileira de Empresas e Empreendedores da Comunicação), o Movimento dos Sem Mídia, o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), os partidos PT, PC do B, PDT e PSB, além de centenas de defensores anônimos da liberdade de expressão.



A abertura do ato foi realizada pelo presidente do Instituto Barão de Itararé, Altamiro Borges. Ele leu um manifesto do Instituto e propôs que se encaminhasse à vice procuradora geral eleitoral, Sandra Cureau, pedido de abertura dos contratos e contas de publicidade das organizações Globo, da revista Veja e dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Os documentos teriam função semelhante ao que ela enviou à Carta Capital para verificar quais instituições do governo federal anunciam na revista.

Ele ainda salientou a necessidade de se defender a proposta do jurista Fábio Comparato, que sugere uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) responsabilizando o Congresso Nacional por não regulamentar, desde 1988, os artigos 220, 221 e 224 da Constituição Brasileira, que tratam da proibição de formação de oligopólio na comunicação, da programação do rádio e da TV e da instalação de uma Comissão de Comunicação Social.

Em seguida o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, José Augusto Camargo (Guto) leu uma nota da entidade "Em defesa dos jornalistas, da ética e do direito à informação", na qual esclarece as razões pelas quais o Sindicato apóia o ato.

Não venham nos dar lição de democracia

Já o secretário de Administração e Finanças da CUT, Vagner Freitas, ressaltou a história da Central em defesa da redemocratização do Brasil, destacando que "a liberdade de expressão não deve ser como acontece hoje, quando poucas famílias tomam conta de todos os meios de comunicação".

O presidente do PCdoB, Renato Rabelo, lembrou a posição dos jornais durante a ditadura militar, quando se omitiram diante dos "crimes de tortura e assassinato ou colaboraram com a ditadura, no caso do Grupo Folha".

A candidata à reeleição pelo PSB, a deputada federal Luiza Erundina ressaltou hoje a grande mídia está nervosa porque não possui mais o controle que tinham antes. "Não venham nos dar lição de democracia porque fomos nós que pagamos caro para reconquistá-la."

Eduardo Guimarães, do Blog Cidadania, disse sentir "vergonha alheia" pelo comportamento da velha mídia: "essa gente é risível, dizendo que nós queremos censurar impérios de comunicação que faturam bilhões...! Tenham noção do ridículo". E finalizou com uma provocação: "será que os leitores dessa velha mídia não perguntam 'o que pensam esses bichos-papões?'". E completou "no dia 3 nós vamos responder", referindo-se às eleições. Ao final, foi cantado o Hino Nacional Brasileiro. (CNQ c/Inf. Ag.CUT e Vermelho, 24.09.2010)

Seminário Internacional sobre Multilatinas



Seminário discute organização de redes sindicais e é a primeira atividade conjunta sobre a organização de redes sindicais em empresas latinas

Em 23 e 24 de setembro, o Seminário Internacional Sobre Multilatinas (empresas multinacionais com capital de origem latino-americano) reuniu, no Rio de Janeiro, as federações globais que representam os ramos metalúrgico (**FITIM**), químico (**ICEM**) e construção civil e madeira (**ICM**).

Com o apoio da FES, a reunião é a primeira atividade conjunta sobre a organização de redes sindicais em empresas latinas. O objetivo do encontro é a troca de experiências sobre esse tipo de organização e o planejamento conjunto de ações nas empresas multinacionais de capital latino. As confederações e sindicatos apresentaram informações sobre várias empresas, bem como sobre a relação (ou falta desta) que atualmente existem entre empresa e sindicato.

As empresas abordadas foram Vale, WEG, Votorantim, Petrobras, Arauco e Odebrecht. Todas elas envolvem mais de um ramo de atividade e algumas revelam práticas anti-sindicais inadmissíveis.

Esse comportamento faz com que o movimento sindical latino americano repense e estabeleça novos desafios. "Não basta mais pensar a ação sindical apenas a partir de nossas demandas locais e imediatas. É preciso pensar internacionalmente e agir de forma estratégica e coletiva entre os diversos setores, seja metalúrgico, químico ou outro", disse o secretário de Relações Internacionais da CNQ/CUT, Fábio Lins.

Lins observa que o movimento sindical da América do Sul sempre recebeu solidariedade de sindicatos dos países do norte. Hoje isso começa a se inverter e "começamos a ter a responsabilidade de incentivar a solidariedade entre os países de nossa região". Ele ressalta que o encontro serviu para mapear as empresas da América Latina, muitas das quais adotam práticas antisindicais nos países vizinhos. "Nosso passo futuro será realizarmos encontros específicos de cada rede já existente para consolidá-las e de criarmos redes onde elas não existam", destaca Lins.

O secretário adjunto da FITIM, Fernando Lopes lamenta. "Infelizmente, nós que sofremos tanto com os abusos das empresas estrangeiras, hoje vemos que as empresas originárias em nossa região não são diferentes. Nossa experiência mostra também que as práticas anti-sindicais e o desrespeito aos direitos dos trabalhadores são mais acirrados nos países em que se instalam do que em seus países de origem".

"Este encontro também foi um primeiro passo regional. Daqui a alguns anos vamos viver em escala global com a fusão das duas grandes confederações globais, FITIM e ICEM", afirmou o coordenador regional da FITIM, Jorge Almeida.

A assessora **Flávia Cristina** e o dirigente **Vilmar Sizino Garcia**, presidente do sindicato dos Metalúrgicos de Jaraguá do Sul, cidade sede da empresa WEG, representaram a **CNM/CUT**. Participaram também do encontro o companheiro **Manuel Campos (IG Metall)**, Brian Finegann (Solidarity Center - EUA), além de companheiros de várias regiões do Brasil, do Chile, do Peru e **representantes regionais da ICEM (Carol Bruce)** e da **FITIM (Jorge Almeida)**. *(Flavia Cristina Silva e Yuri Nunes - Imprensa/CNM , 28.09.2010)*

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT
Secretário de Relações Internacionais: Valter Sanches
internacional@cnmcut.org.br